

OPORTUNIDADES E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PÚBLICA (ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO) EM TEMPOS DE PANDEMIA

Patrícia Jerônimo Sobrinho¹

RESUMO

O novo coronavírus (Covid-19) foi alvo de risos e negação em sua fase inicial. Falou-se de um vírus não letal ou uma gripezinha. Esse descaso também resultou em um não planejamento necessário para se pensar e projetar um modelo de ensino remoto, revelando erros e dificuldades que representam grandes desafios para a educação. Tendo em vista tal contexto, o presente trabalho se propõe a tecer reflexões sobre oportunidades e desafios da Educação Pública, no Ensino Fundamental e Médio, em tempos de pandemia e indícios do que possa vir a acontecer depois. Para tanto, como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, tomando como base as ideias de Moran (2007) e Sacristán (1998). Concluiu-se que a pandemia acelerou a transformação digital da educação pública, porém, também trouxe alguns desafios, como as limitações de recursos técnicos e humanos, o que torna difícil a implementação do ensino remoto, deixando as desigualdades sociais e educacionais mais expostas do que nunca.

Palavras-chave: Oportunidades. Desafios. Educação Pública. Ensino Fundamental e Médio. Pandemia.

ABSTRACT

The new coronavirus (Covid-19) was the target of laughter and denial in its initial phase. There was talk of a non-lethal virus or a cold. This neglect also resulted in a lack of planning necessary to think and design a model of remote education, revealing errors and difficulties that represent great challenges for education. Against this background, the present work proposes to weave reflections on opportunities and challenges of Public Education, in Elementary and High School, in times of pandemic and indications of what may happen later. For that, as a methodology we used the bibliographic research, based on the ideas of Moran (2007) and Sacristán (1998). It was concluded that the pandemic has accelerated the digital transformation of public education, but it has also brought some challenges, such as the limitations of technical and human resources, which makes the implementation of remote education difficult, leaving social and educational inequalities more exposed than never.

Keywords: Opportunities. Challenges. Public Education. Elementary and Middle School. Pandemic Times.

¹ Doutora em Humanidades, Culturas e Artes pela Unigranrio. Professora regente de turmas de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC). Rio de Janeiro, RJ, professoremacao@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9678-2478>.

INTRODUÇÃO

O mundo atual enfrenta uma pandemia causada por um novo coronavírus (Covid-19), o qual tem obrigado governos de diferentes países a tomarem medidas que restrinjam a concentração de pessoas. Essas ações, obviamente, envolveram a área da educação. Uma delas foi o cancelamento de aulas e atividades presenciais em escolas, faculdades e universidades brasileiras até que a situação de saúde e o estado de emergência sejam controlados, o que é incerto.

Por um lado, o fechamento de instituições trouxe alívio, por outro, vários desafios: Como tem sido o plano de atendimento aos alunos na rede pública? Como o docente tem agido diante da pandemia? E a evasão dos alunos? O que ocorrerá com a educação pública depois da pandemia? São questionamentos que levam a uma profunda reflexão sobre as mudanças que a pandemia tem acarretado nos modos de ensinar e aprender e na própria figura do professor.

Antes de partir para tais reflexões, é necessário destacar que não se deve confundir o desenho de aulas virtuais mediadas e mediatizadas com a produção e/ou distribuição de materiais em meios digitais. Usar uma ferramenta do ambiente virtual não significa que se está fazendo uma educação virtual. Isso pode deturpar a educação a distância, difundindo noções simplistas acerca da modalidade. Nesse sentido, ainda que, às vezes, estejam sendo utilizados como sinônimos, a educação a distância e o ensino remoto são modalidades distintas. As experiências de aprendizagem da primeira, quando bem planejadas, são significativamente diferentes da segunda.

A concepção de uma sala de aula virtual é um processo complexo que tem “características, linguagem e formato próprios, exigindo administração, desenho, lógica, acompanhamento, avaliação, recursos técnicos, tecnológicos, de infraestrutura e pedagógicos condizentes” (BRASIL, 2007, p. 7), o que requer tempo e desenvolvimento de recursos educacionais, estratégias de mediação e interação, cognitiva e social, reconhecimento das possibilidades de diferentes mídias, dentre outras ações.

Em um ensino remoto, as ferramentas, os recursos e as aplicações dependerão dos objetivos pedagógicos que o professor deseja alcançar, do estilo de ensino, das características e realidades dos alunos e de um contexto mais amplo (a proposta não se acomoda ao recurso, é o contrário). Trata-se de uma mudança temporária de ensino para um modo alternativo em função da emergência sanitária. Envolve soluções de ensino totalmente remotas que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente, e que retornarão a esse formato assim que a crise sanitária passar.

Portanto, o que tem sido feito durante a pandemia é ensino remoto, algo transitório, mas que pode ser visto como uma oportunidade para incorporar algumas tecnologias e aprendizagens que promovam mudanças na educação do futuro. Ou seja, este é um momento de experimento ou oportunidade para as escolas finalmente adotarem os aparatos tecnológicos. Pode-se fazer muitas coisas com o uso dessas tecnologias, porém é preciso planejamento.

Também deve-se deixar claro aqui que o que se está fazendo não é o *homeschooling* (ensino domiciliar). As famílias estão assessorando o processo dentro do possível (nem

todos os pais possuem condições intelectuais e psíquico-afetivas para lidar, por um lado, com os conteúdos e, por outro, com as tecnologias implementadas). São partícipes, mas não são os responsáveis. O professor continua sendo o responsável pela condução do processo ensino-aprendizagem, mas ele precisa da parceria com a família. O ideal seria que este acompanhamento ocorresse sempre, com ou sem pandemia.

Diante dessas considerações iniciais, o presente trabalho se propõe a tecer reflexões sobre oportunidades e desafios da Educação Pública, no Ensino Fundamental e Médio, em tempos de pandemia e indícios do que possa vir a acontecer depois. Para tanto, como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica.

UM CENÁRIO DE OPORTUNIDADES

A pandemia tem trazido muitas rupturas e oportunidades para a educação, de uma forma geral. Segundo Herrera (2020, on-line), a pandemia “forçou instituições educacionais em todo o mundo a utilizar repentinamente ferramentas tecnológicas disponíveis há muito tempo para criar conteúdo e experiências de aprendizado remoto para estudantes”. E o sistema escolar – fortemente enraizado na tradição, em uma âncora de ações exercidas da mesma maneira há anos e cuja necessidade de mudança ninguém duvidava – teve de dar uma resposta. Rapidamente, como nunca antes, substituíram a presença da sala de aula pelo virtual.

Com isso, a escola (pública e privada) evoluiu muitos anos. O Ensino Fundamental e Médio, em especial, talvez sempre tenha sido um mundo conservador em reconhecer a importância das tecnologias aplicadas à educação. Enquanto, no Brasil, havia (e há) uma oferta muito grande de educação digital no Ensino Superior, o mesmo não era comum no Ensino Fundamental e Médio. Com a Covid-19, as escolas tiveram de repensar tal prática velozmente e também todo o entorno delas (o uso de tecnologias, a formação/capacitação de professores, a relação escola-família etc.).

Percebeu-se que a tecnologia não é uma alternativa, mas uma necessidade diante dos novos contextos sociais. Hoje, “multiplica-se intensamente o número de possibilidades de pesquisa, de comunicação on-line, aprendizagem, compras, pagamentos e outros serviços” (MORAN, 2007, p. 9) em função das tecnologias existentes. A informação não é mais escassa, porém superabundante e muito acessível, logo, a escola tradicional não faz sentido. É preciso ensinar os estudantes a moverem-se nesse turbilhão de informação e dar utilidade a ela.

O aluno questiona por que tem de aprender algo que já se encontra fora da sala de aula. Então, o desafio do docente é propor novos ambientes, experiências e caminhos de aprendizagem com o uso das tecnologias. Entretanto, elas não devem cumprir uma função meramente instrumental, sendo inseridas de modo aleatório na prática docente. É preciso haver um planejamento e seleção do recurso a ser utilizado em cada aula, ter um conhecimento sobre a realidade tanto dos alunos quanto da escola, da comunidade e dos objetivos a serem alcançados, dentre outros fatores.

Evidentemente, os docentes já estavam sendo desafiados – pelos pais, pelos alunos, pelo Governo, pela sociedade da informação e do conhecimento – a adequarem suas práticas pedagógicas engessadas, padronizadas, repetitivas, monótonas, previsíveis e asfixiantes (MORAN, 2007) às transformações tecnológicas. A pandemia acelerou esse processo,

como uma forma de não interromper o processo educacional. Ela tem ensinado que não se pode continuar fazendo o que sempre foi feito: trabalhos mecânicos, rotineiros e repetitivos, que não ensinam os alunos a serem críticos, a terem autonomia e a viverem juntos.

A pandemia também tem ensinado que não é possível ignorar o valor social da educação. Em plena década de 90, Sacristán e Gómez já destacavam que

[...] mais do que transmitir informação, a função educativa da escola contemporânea deve se orientar para provocar a organização racional da informação fragmentária recebida e a reconstrução das pré-concepções acríticas, formadas pela pressão reprodutora do contexto social, por meio de mecanismos e meios de comunicação cada dia mais poderosos e de influência mais sutil. (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1998, p. 26)

A citação é mais atual do que nunca. Portanto, é necessário que as escolas foquem no desenvolvimento do pensamento crítico, que será mais importante para o sucesso futuro, do que se concentrar em habilidades acadêmicas tradicionais, na memorização, na pontuação. Isso implica mudanças curriculares, voltadas para entender os problemas da sociedade, em vez de esgotar determinados conteúdos. Por exemplo, deve-se reforçar o papel da ciência, que sem ela não é possível viver ou superar qualquer adversidade, como pandemias, mudanças climáticas etc.

Existem outras maneiras de conceber e desenvolver um currículo cujos conteúdos sejam efetivamente significativos. Segundo Sacristán e Gómez (1998, p. 18), “o que o aluno/a aprende e assimila mais ou menos consciente, e que condiciona seu pensamento e sua conduta a médio e longo prazo, se encontra além e aquém dos conteúdos explícitos no currículo”. Dessa forma, a principal tarefa da escola não tem de ser “cobrir o conteúdo”, mas criar ambientes para o desenvolvimento harmonioso dos estudantes, trabalhando com e a partir de informações amplas, fragmentadas, dispersas e diversas. Uma boa educação é alcançada quando há um compromisso em aprender.

Assim, é fundamental que os alunos desenvolvam habilidades para a pesquisa, de compreensão leitora focados na análise crítica das informações disponíveis na internet e nas mídias tradicionais. A inserção de tecnologias na sala de aula deve ir além de pensá-las como um recurso didático, uma vez que são dispositivos que podem potencializar o conhecimento, enriquecer a vida escolar, fomentando nos alunos a necessidade de fazer perguntas e tecer reflexões que extrapolam o currículo escolar.

O que se tem aprendido com o ensino remoto é que ele pode ser um catalisador para a criação de novos métodos e mais eficazes de educar os estudantes. Talvez o maior deles seja a importância de desenvolver a autonomia dos alunos, a capacidade de “aprender a aprender”. Ensinar as crianças desde o início da escolaridade a organizar o seu tempo, a focar, a refletir, a planejar como enfrentar uma nova tarefa, a compreender as instruções e a se autoavaliar.

A pandemia tem sido uma oportunidade para repensar o sistema público de ensino, que exige reformas, e incorporar inovações, a fim de garantir uma educação de qualidade a todos. Porém, é verdade que, na prática, a solução não é perfeita, pois há ainda muitos desafios a serem enfrentados.

OS DESAFIOS

Um dos desafios a serem superados está relacionado à (des)conexão dos alunos das escolas públicas. Em pesquisa divulgada em 2019, pelo IBOPE, com base nos dados do CETIC.BR, “30% dos brasileiros não acessam a internet” (VILELA, 2019, on-line). Há domicílios onde existem vários computadores e uma banda larga de alta qualidade. Porém, há residências em que se tem de dividir um computador com todos os integrantes da família, ou que tal equipamento é inexistente.

A mesma pesquisa apontou que “97% dos brasileiros usam celulares para acessar a internet [...] Os outros dispositivos utilizados são respectivamente notebooks, com 43% de possibilidade de acesso, computadores de mesa com 30% [...]” (VILELA, 2019, on-line). O uso de celular para se conectar à internet, de certa maneira, limita o acesso porque há sites que não se adaptam a qualquer tipo de resolução dos celulares, moldando o conteúdo acessado.

As grandes lacunas digitais existentes nos territórios brasileiros, a falta de acesso a dispositivos tecnológicos e de conexão à internet, são deficiências estruturais que limitam a continuidade do ensino, aprofundando a desigualdade social. Muitas crianças e adolescentes da rede pública, além da desconexão, não acessam os conteúdos disponibilizados digitalmente por motivos diversos: ausência de espaços seguros em suas casas, existência de superlotação nos lares, insegurança alimentar, más condições de higiene que dificultam a continuidade do aprendizado, dentre outras situações.

No que tange às lacunas no acesso à internet e à falta de recursos tecnológicos, a problemática maior ainda é com os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por estarem muito tempo fora da escola e por grande parte ser analfabeto funcional – “que, mesmo sabendo ler e escrever, não tem as habilidades de leitura, de escrita e de cálculo necessárias para viabilizar seu desenvolvimento pessoal e profissional” (IPM, 2007, p. 3).

Esse momento de pandemia não criou uma dificuldade, na verdade, aprofundou uma desigualdade que já existia. Sabe-se há muito tempo que a (des)conexão digital tem sido uma nova dimensão da desigualdade. Para tantas famílias, a disponibilidade de dispositivos tecnológicos e internet não é uma opção. Ainda que haja a distribuição de materiais impressos – para aqueles estudantes da escola pública que não conseguem acessar o ambiente on-line – ou a transmissão de conteúdos por meio da televisão aberta, será que essas alternativas minimizarão as diferenças? O aluno necessita ir além, fazer pesquisa, tem de estar conectado, enfim, precisa fazer contato com o professor para dirimir dúvidas e ir além do que é apresentado a ele.

Será que estão desenvolvendo políticas públicas para olhar os alunos desconectados? Porque quando a pandemia acabar, tais desigualdades irão continuar. Caso não se leve em consideração tal nível de fragmentação (e propostas abrangentes não forem apresentadas para lidar com essa emergência), a situação aumentará ainda mais as disparidades existentes. É imperativo, dessa forma, pensar o papel da escola e a valorização dela no país, pós-pandemia.

No entanto, sabe-se que a pandemia impactou uma rede de ensino público deficitário, historicamente negligenciado. Problemas que o país sempre teve, de carência, de

necessidades, de violência em diferentes formas, estão sendo expostos. A escola é apenas um recorte disso, é uma amostra do que se está vivendo. De acordo com Santos:

[...] as novas condições técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca. Todavia, nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. (SANTOS, 2013, p. 38)

O que se percebe é um enfraquecimento cada vez maior do Estado por “oligarquias empresarias e financeiras [...], corporações multimilionárias com poder excessivo interferindo na política. Em escala global elas são representadas pelo Google, pelo Facebook, pelas petroleiras e pelos bancos” (ASH, 2020, p. 39). Isto é, quem dita as regras são as grandes empresas e o mercado financeiro, não a população, o que acarreta um aumento das desigualdades e um empobrecimento dos processos de democracia.

Os neoliberais², após a pandemia, possivelmente apresentarão “um plano de ‘recuperação econômica’ listando mais medidas de austeridade e retirada de direitos sociais” (OTONI, 2020, p. 175) e acentuando as diferenças. Não é interessante, para os neoliberais, que se tenha uma educação de qualidade para todos. O discurso deles é de que o Brasil é um país desigual e tal situação impossibilita um sistema de ensino público igualitário.

Assim, o neoliberalismo atual considera que as pessoas não são iguais socialmente, logo, não precisam ter a mesma educação, uma vez que os indivíduos terão posições diferentes na sociedade. “É desse modo que a periferia [...] acaba se tornando ainda mais periférica” (SANTOS, 2013, p. 38-39). E o sistema neoliberal se alimenta disso. Em tal sociedade desigual, o sujeito é instigado a competir, a buscar, a correr atrás, mas, ao mesmo tempo, é preciso que o “fosso” seja mantido.

O professor deve entender que faz parte desse sistema desigual e, a partir do uso de recursos, buscar olhar para a realidade do aluno e trabalhar por meio dela, numa perspectiva de que a educação pode transformar, de que ela pode estar “voltada para a formação social crítica e para uma sociedade democrática” (FREIRE, 2003, p. 94). Em outras palavras, por meio da escola, os estudantes da rede pública podem mudar a sua história, modificar o seu perfil social, cursar uma faculdade boa, ter direito a uma educação de qualidade.

Outro desafio a ser enfrentado diz respeito à evasão escolar na escola pública, que já era um grande problema antes da Covid-19. Muitos estudantes, principalmente no Ensino Médio, abandonam os estudos. “Em 2018, cerca de quatro em cada dez brasileiros de 19 anos não concluíram o Ensino Médio, conforme divulgado pelo movimento ‘Todos pela Educação’, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do IBGE” (CECÍLIO, 2019, on-line).

Esses meses de isolamento gerarão um abandono maior ainda. É bem provável

2 O neoliberalismo é “uma versão mais dominante do capitalismo e ao qual este se foi sujeitando mais e mais à lógica do setor financeiro” (SANTOS, 2020, p. 45).

que estudantes da rede pública, que não estejam mais ligados à escola ou cuja condição econômica piorou durante o contexto de pandemia, não voltem para o ambiente escolar. O retorno às aulas exigirá um grande esforço para redistribuir recursos (bolsas de apoio à escolarização) a tais alunos – em função das condições sociais precárias em que vivem, de sua vulnerabilidade socioeconômica – e uma grande inteligência pedagógica para incluí-los.

No ambiente educacional público existirão múltiplas realidades. Alguns estudantes que conseguiram continuar seu aprendizado sem grandes inconvenientes (embora com críticas ao considerar que o modelo remoto não substituiu completamente o presencial). Outros que tiveram dificuldade em não ter internet ou computadores. E outros que simplesmente não puderam dar sequência aos estudos devido a vários fatores.

O retorno exigirá atenção, paciência e um processo de planejamento intenso por parte da escola e dos professores, em parceria com as famílias. A escola pública será outra. Deverá ser trabalhada a saúde mental dos alunos, a competência socioemocional deles, porque, como salienta Camarão (2020, on-line), “diferentemente de um retorno das férias, eles estão saindo de um isolamento social, alguns tiveram perdas de entes queridos, amigos, ou conhecidos para a pandemia, além de outras situações difíceis vivenciadas em casa, como a violência doméstica e a fome”.

Portanto, será essencial verificar como os estudantes chegarão depois de enfrentar uma situação desse tipo, uma vez que dinâmicas ocorrem em casa que nem sempre são as mais saudáveis. Estabelecer um sistema de comunicação permanente com as famílias, e entre os professores e seus alunos se fará necessário para manter o bem-estar socioemocional e evitar casos de evasão escolar na rede pública. Será um momento para repensar a escola (o tempo e o espaço escolar) como um lugar de troca, de transformação, vivência nas suas múltiplas formas.

Por fim, o trabalho docente também se apresenta como um desafio a ser enfrentado. “Ser professor” já traz muitas implicações, muitas dificuldades, muitas barreiras. Souza (2011, p. 03) argumenta que “os baixos salários, a desvalorização social, a indisciplina dos alunos, o controle burocrático do Estado, a violência na escola, o desafio de ser considerado responsável pela não aprendizagem dos alunos e tantos outros fatores de ordem social, econômica e política [...]”, desmotivam a carreira docente. Porém, mesmo não sendo valorizados, os professores estão em constante processo de aprimoramento, de capacitação, de mudanças e, muitas vezes, até à mercê de Políticas Educacionais – que nem sempre atendem às necessidades da classe.

Ser professor em época de pandemia é bem mais complexo ainda. Embora se possa contar com um número de professores experientes no uso de tecnologias, nem todos estão familiarizados com elas. Assim, muitos docentes tiveram de começar, de forma muito apressada, a adquirir um nível mínimo de competências para lidar com os recursos tecnológicos. Ou seja, houve um esforço titânico dos professores para aprender rapidamente sobre esses aparatos tecnológicos e aplicá-los com finalidades educacionais.

Mesmo diante de obstáculos, os docentes buscaram entender a potencialidade dos recursos disponíveis. Ferramentas que antes eram vistas como secundárias, passaram a ser primordiais para compartilhar material, tirar dúvidas, corrigir tarefas etc. As estratégias

incluem saber escolher e disponibilizar aos alunos materiais e ferramentas para facilitar o aprendizado. Em muitos casos tem ocorrido uma formalização de estratégias informais que os professores já possuíam, como grupos no WhatsApp e no Facebook e vídeos do YouTube que passaram a ser utilizados para ensinar e se conectar com os alunos.

Enfim, os docentes precisaram aprender a lidar com uma nova realidade, com o uso das tecnologias digitais – embora muitos ainda não as dominem e não possuem mecanismos necessários para a sua utilização. Porém, estão se reinventando, “experimentando novas possibilidades de ensinar – e isso é um grande avanço para um dos setores mais resistentes a mudanças e a adoção de novas tecnologias” (HERRERA, 2020, on-line). Eles têm superado todas as dificuldades em prol da profissão, em prol do objetivo máximo: a aprendizagem dos alunos.

Entretanto, a burocratização do trabalho docente durante o período de ensino remoto tem tornado as tarefas cansativas e afetado o pedagógico. As atividades dos professores já se estendem para casa, com planejamentos, correção de atividades, pesquisas etc. Contudo, nesse momento, está maior ainda, com excesso de videoconferências, relatórios etc. O tempo e o espaço escolar foram ampliados por meio do aumento de carga horária cada vez maior de tarefas, invadindo todos os cantos da vida familiar do docente, que segue desempenhando o seu papel em qualquer hora do dia e em qualquer dia da semana.

Os professores não são youtubers e nunca serão. São, como sempre, os responsáveis pelo processo ensino-aprendizagem. Eles não foram formados para trabalhar no on-line, mas para atuar em sala de aula presencialmente. São “os chamados ‘migrantes digitais’, nasceram em uma era com pouca tecnologia e estão se adaptando a elas” (DUTRA, 2011, on-line). Mas, com a Covid-19 tiveram de se adaptar e (re)adaptar de modo rápido. Tudo isso tem gerado um esgotamento por causa da abundância de trabalho e da sensação de improdutividade.

Neste momento, os professores estão mais expostos do que nunca. A aula passou a ser assistida também por pais, irmãos, tios etc. Muitos docentes, além de cumprir a função de professor, têm de cuidar dos filhos, cozinhar, lavar, faxinar, enfim, cuidar dos afazeres de casa, o que gera mais cansaço físico, mental e emocional. Esse cansaço se agrava em função da necessidade de se reinventar em tempo recorde, de adaptar todo o planejamento que não foi feito para o meio digital, seja para crianças ou para adultos que não saibam manusear a tecnologia.

É por meio da exploração e da curiosidade em descobrir as possibilidades das ferramentas digitais e aprender com seus erros que os professores têm conseguido ir adiante, mesmo com toda a ansiedade, a incerteza e o medo que uma educação durante uma pandemia ocasiona.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas lições têm sido aprendidas com o impacto da Covid-19 na educação. Ninguém estava preparado para transformar de forma tão rápida um sistema educacional, que é presencial por definição. Apesar de durante anos ter se insistido no impacto da tecnologia na educação e se ter definido marcos teóricos sobre as competências digitais dos alunos, dos professores e das próprias instituições escolares, o confinamento tem revelado que não

houve tantos avanços como se imaginava.

Ficou claro que, além das tecnologias, a possibilidade de continuar aprendendo de modo remoto é mediada pelas condições materiais dos alunos, das famílias e dos professores – a utilização de conteúdos digitais e plataformas virtuais de ensino depende de acesso a dispositivos tecnológicos e conectividade de qualidade –, bem como pela capacidade de reação das instituições escolares. O ensino remoto deixou as desigualdades sociais e educacionais mais expostas do que nunca, porque ele não atinge a todos.

Os desafios são muitos. Se a virtualidade se apresenta como um componente da organização escolar pública futura, a ação imediata dos governos deve ser direcionada para o fornecimento de equipamentos digitais e acesso à internet, priorizando os setores mais vulneráveis. Também deve haver um acompanhamento de professores e gestores nas estratégias de aprimoramento dos processos educacionais por meio da tecnologia.

Após a pandemia, nem os educadores nem os alunos pensarão novamente no conceito de “escola pública” com as mesmas imagens ou expectativas. A sala de aula tem sido resignificada. Não podemos voltar atrás. A transformação é irreversível. Ainda temos que avançar um pouco mais para entender quais processos permanecerão, mas já é notável que não existe escola sem professores. Jamais eles poderão ser substituídos pela tecnologia.

REFERÊNCIAS

ASH, Timothy Gardon. In: TOSTES, Anjuli; FILHO, Hugo Melo (orgs). **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. 1.ed. Bauru: Canal 6, 2020.

BRASIL. Ministério da educação – SEED. **Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância**. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>> Acesso em: 18 set. 2020.

CAMARÃO, Felipe. **Educação no Maranhão pós-pandemia**. Conselho Nacional de Secretários de Educação - Consed (on-line). 2020. Disponível em: <<http://www.consed.org.br/central-de-conteudos/educacao-no-maranhao-pos-pandemia>> Acesso em: 18 set. 2020.

CECÍLIO, Camila. **Abandono e evasão escolar: aluno deixa a escola ou a escola se distancia da realidade do aluno?** Nova Escola (on-line). Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2217/abandono-e-evasao-escolar-estudante-deixa-a-escola-ou-a-escola-se-distancia-da-realidade-do-aluno>> Acesso em 23 set. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

HERRERA, Leandro. **A pandemia do coronavírus pode mudar para sempre a educação**. Revista Negócios (on-line). abr. 2020. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/colunas/noticia/2020/04/pandemia-do-coronavirus-pode-mudar-para-sempre-educacao.html>> Acesso em: 05 set. 2020.

IPM. Instituto Paulo Montenegro. **Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional** (on-line). 2007. Disponível em: <<https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/10/inafresultados2007.pdf>> Acesso em: 18 set. 2020.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. 4.ed. Campinas: Papyrus, 2007.

OTONI, **Pedro. Presente e futuro** – sete apontamentos. In: TOSTES, Anjuli; FILHO, Hugo Melo (orgs). **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. 1.ed. Bauru: Canal 6, 2020.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Comprender e transformar o ensino**. 4.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Vírus: tudo o que é sólido desmancha no ar**. In: TOSTES, Anjuli; FILHO, Hugo Melo (orgs). **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. 1.ed. Bauru: Canal 6, 2020.

SANTOS, M. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SOUZA, S. O. O professor de sala de aula: as mazelas de uma profissão. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Sociais da Eduvale**, v. 4, nº 6, p. 1-9, 2011. Disponível em: <<https://silotips/download/o-professor-de-sala-de-aula-as-mazelas-de-uma-profissao>> Acesso em: 05 set. 2020.

VILELA, Renata. **30% dos brasileiros não têm acesso à internet**. Reconta aí. nov. 2019. Disponível em: <https://recontaai.com.br/2019/11/19/internet-30-dos-brasileiros-nao-tem-acesso/> Acesso em: 20 ago. 2020.